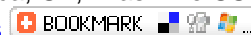


*Artigos Originais***O PENSAR DOCENTE SOBRE A ARTE NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS***Original Articles***THE THINK ABOUT ART EDUCATION IN
YOUNGSTERS AND ADULTS EDUCATION**

Gustavo Cunha de Araújo*

<http://lattes.cnpq.br/3011641878605040>gustavocaraujo@yahoo.com.br

Ana Arlinda de Oliveira**

<http://lattes.cnpq.br/4358222258417436>aarlinda@terra.com.br**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil – eISSN 2175-4217 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)**RESUMO**

O objetivo deste texto é apresentar resultados de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso sobre práticas pedagógicas e concepções sobre a arte. Para este texto, direcionaremos nossos olhares para as concepções sobre a arte desenvolvidas por uma professora de Arte, com uma turma de Educação de Jovens e Adultos, em Cuiabá, Mato Grosso, na intenção de desvelar que concepções fundamentam a sua prática pedagógica em sua docência. Para a professora arte não é apenas expressão de sentimentos: é conhecimento, é expressão, é criação humana. Durante as suas aulas, verificamos que ela buscou aplicar esses conceitos aos alunos jovens e adultos por meio de textos escritos e visuais. A leitura é ressaltada pela professora ao dizer que a arte é importante para os alunos jovens e adultos devido ao fato de possibilitar a eles uma ampliação do seu universo de leitura do mundo, tendo na arte, importante mediadora para esse processo. Consequentemente, as obras de arte podem possibilitar diferentes interpretações da realidade. Um bom trabalho pedagógico no

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduado em Artes Visuais (Educação Artística) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), com Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

ensino de arte necessita de um bom professor de Arte. Boas práticas requerem bons professores, que estimule no aluno o desenvolvimento estético, seu lado criativo e expressivo, enfim que propicie pensar. É preciso que o docente seja importante mediador no processo de construção de conhecimento no aluno, e que possa buscar utilizar metodologias adequadas que realmente consigam contemplar o processo de ensino e aprendizagem desse estudante.

Palavras-chave: ensino de arte. docência em arte. concepções sobre a arte. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present results of a qualitative research of the Graduate Program in Education at the Federal University of Mato Grosso on pedagogical practices and conceptions about art. For this text, we will direct our view to the conceptions about art developed by an art teacher, with a group of Young and Adults Education in Cuiaba, Mato Grosso, in the intention of uncovering conceptions that underlie her practice in her teaching. For the art teacher, art is not only an expression of feelings: it is knowledge, it is expression, it is human creation. During her classes, we verified that she that she sought to apply these concepts to young and adults students through written and visual texts. The reading is highlighted by the teacher to say that art is important for young people and adults due to the fact it enables an expansion of their reading universe about the world, taking in the art as an important mediator for this process. Consequently, the art works can enable different interpretations of reality. A good teaching job in art requires a good art teacher. Good practice requires good teachers, to stimulate the student's aesthetic development, his creative and expressive side, that fosters thinking. The teacher must be an important mediator in the construction of knowledge process, and may seek to use appropriate methodologies, that are actually able to contemplate the process of teaching and learning of that student.

Keywords: art education. teaching in art. conceptions about art. Youngsters and Adults Education.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar resultados de uma pesquisa de epistemologia qualitativa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso sobre práticas pedagógicas e concepções sobre a arte. Para este texto, direcionaremos nossos olhares para as concepções sobre a arte desenvolvidas por uma professora de Arte, com uma turma de Educação de Jovens e Adultos, em Cuiabá, Mato Grosso, na intenção de desvelar que concepções fundamentam a sua prática pedagógica em sua docência.

O artigo está dividido em duas partes, a saber: na primeira, buscamos apresentar os relatos da professora sobre a sua trajetória docente, a fim de compreender aspectos importantes sobre a sua experiência e contato com a arte, na sua trajetória como professora dessa disciplina na Educação de Jovens e Adultos. Em seguida, damos continuidade a sua narrativa, socializando o que pensa a professora sobre a arte, com a intenção de entender que concepções fundamentam suas práticas pedagógicas em sala de aula.

O professor de Arte, durante sua prática pedagógica, deve articular teoria e prática nos processos criativos, para que as aulas tenham qualidade e cumpram seu papel curricular na escola (IAVELBERG, 2012). Para isso, entendemos que as vivências e experiências em arte do docente sejam fundamentais para um bom desenvolvimento do trabalho com os alunos na Educação de Jovens e Adultos.

A DOCÊNCIA EM ARTE

Na entrevista¹ com a professora, buscamos ampliar as discussões sobre concepções e práticas pedagógicas no ensino de arte na Educação de Jovens e Adultos. Ela é formada em Educação Artística, com habilitação em Música, possui duas especializações – sendo uma em arte-educação – e mestrado em educação. Está há vinte anos na docência, dos quais quinze anos dedicados a Educação de Jovens e Adultos.

Sobre seu primeiro contato com a arte, assim relatou:

Foi na infância quando ficava atenta em ouvir as histórias contadas pela professora da 3ª série do antigo Primário. A imaginação saltava longe! Depois foi ouvindo o som de um piano que vinha do colégio das freiras, morávamos ao lado, e assim por diante. Uma coisa foi se somando a outra. Não existia uma cultura familiar de apreciação às artes em casa. A semente inicialmente veio de fora, mas quando pedi um piano pro meu pai ele foi solícito em me atender. (E10).

¹ A entrevista com a docente obedeceu aos procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica, respeitando seu anonimato.

Segundo fala a professora, seu primeiro contato com a arte veio logo cedo, pois, quando ainda era criança escutava músicas vindas de um piano ao lado de sua casa. Não foi em sua família que encontrou exemplos de apreciadores da arte, mas na escola e na vizinhança. Isto é um aspecto interessante. Pois fez com que pouco tempo depois a influenciasse na prática de uma atividade artística, como relata a seguir:

Toco piano com raras exceções. Posso dizer que atualmente sou mais apreciadora do que praticante. (E10).

Esse contato com a arte logo cedo promove novas descobertas e experiências no campo criativo e cognitivo do indivíduo. Para o professor de Arte, ter essa experiência, vivência em arte, pode contribuir para o desenvolvimento de boas práticas pedagógicas em sala de aula com seus alunos.

Para o arte-educador é fundamental conhecer suas referências no campo da arte, entender-se como um sujeito inserido em uma cultura, entender que interage, consome e também produz bens culturais simbólicos. Saber como se constitui sua identidade cultural, suas raízes, sua evolução leva-o a avaliar a qualidade e o direcionamento que pode dar continuidade e expansão de sua formação cultural (COUTINHO, 2004, p. 152).

Ampliar esse conhecimento da arte e levá-lo para a sala de aula, é uma forma de socializar o aluno jovem e adulto a também construir e ampliar esse conhecimento. Assim o fez a professora durante algumas aulas práticas com a turma de EJA. Pensamos que, pelo fato de ter essa experiência com a arte e levá-la para a sala de aula, contribuiu para que as práticas com os alunos de EJA tenham significado para eles. É no professor que esse aluno se espelhará no processo de ensino e aprendizagem.

Sobre o professor de Arte, Lowenfeld e Brittain (1977, p. 80) ressaltam que ele é o principal motivador para ensinar arte aos alunos. Tem importante tarefa em proporcionar um ambiente favorável ao ensino e aprendizagem desses alunos sobre o desenvolvimento do trabalho artístico. Assim, “[...] o jovem deve se sentir que o que faz é importante e que essa atividade

corresponde as suas necessidades.” Em seguida, foi perguntada a professora se ela participa de eventos culturais e artísticos:

Olha, até apresentação de balé das minhas sobrinhas eu vou. Freqüento, sim, eventos culturais não com a freqüência que desejaria em função das atividades diárias. Mas me mantenho informada sobre os acontecimentos e curiosidades culturais a nível local, nacional por meio de notícias, programas, etc. (E10).

Em seu depoimento, a professora busca se informar, frequentemente, sobre eventos culturais e artísticos, além de participar de alguns desses eventos. Pelo fato de trabalhar diariamente em turnos diferentes, não participa ativamente de todos, mas busca se “atualizar”, se informar sobre o que acontece no cenário artístico cultural da cidade e também do Brasil, o que pensamos ser muito importante visando uma formação consistente para a docência.

É importante que o professor frequente museus, galerias, teatros e eventos culturais e artísticos, que conheça artistas locais, para ampliar o seu universo de conhecimento em arte e socializá-lo. Assim, compreender a arte como importante área do saber torna a sua avaliação e aprendizagem possível, fazendo perceber qual conhecimento foi aprendido e construído pelo jovem e adulto.

Buscando compreender se as concepções da professora estão em consonância com as suas práticas pedagógicas em sala de aula, perguntamos a ela quais seriam as características para ser um bom professor de Arte.

Paixão e conhecimento. Se você tem prazer naquilo que faz investe em sua formação para oferecer o que tem de melhor para seus alunos tanto na qualidade de seus recursos materiais didáticos, tecnológicos ou não e conectados com os fatos diários, isto é, não só atualizações do conhecimento específico, mas no geral porque se faço apreciação de uma obra ela pode estar vinculada a um acontecimento seja ambiental, político etc. Enfim, a informação deve ser passada para a leitura do contexto. O exemplo disso foi a aula sobre Siron Franco e o acidente com o Césio 137. (E10).

Na fala da professora, está implícita a preocupação dela em relacionar a sua prática pedagógica com a realidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Isto é característica forte da Proposta Triangular para o ensino da arte (BARBOSA, 2012) e da própria Proposta Curricular para a EJA (BRASIL, 2002), do Governo Federal. Cita como exemplo uma de suas aulas na qual buscou aproximar o conteúdo de arte nas aulas sobre a *Land Art*² e da criação da escultura de São Benedito feita pelos alunos, para a realidade dos jovens e adultos.

É possível notar uma preocupação da professora com a formação docente. É necessária uma formação com qualidade, que possa atender as reais necessidades de sua formação contínua. Pois, mesmo a formação dos professores de Arte no Brasil ser bem peculiar se comparado à formação docente das demais áreas do currículo escolar, sendo apenas com a LDB n. 9.394 (BRASIL, 1996) que a disciplina de Arte passa a fazer parte do currículo das escolas brasileiras com essa designação (COUTINHO, 2006), é necessário maiores investimentos do poder público municipal, estadual e federal para a melhoria da formação docente no Brasil.

Uma preparação aligeirada do professor de Arte hoje é resultado de uma má formação histórica no ensino da arte no Brasil, como lembra Coutinho (2006), pois desde a LDB n. 5.692 (BRASIL, 1971), em que a Educação Artística era trabalhada pelas quatro linguagens: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança, era lecionada, todas essas linguagens, pelo professor de Arte que se formava em cursos de licenciatura curtos, o que de fato, causou uma má formação deste profissional, pois era impossível aprender todos os conhecimentos e especificidades dessas linguagens em apenas um curso de licenciatura, ainda mais curto.

É nesse sentido que se formaram a maioria dos professores de Arte para trabalharem com todas essas linguagens. Isto ocasionou, ao longo dos anos, uma formação superficial deste profissional. Diante desse aspecto, é necessário que o professor busque se qualificar para saber trabalhar com as

² Movimento artístico surgido em meados do século XX nos Estados Unidos, que tem como objetivo produzir arte por meio da interferência com a natureza ou meio ambiente.

novas mídias contemporâneas, que estão cada vez mais presentes em nosso meio e no âmbito escolar. Nesse sentido, a formação de professores precisa ser repensada (COUTINHO, 2006), e a professora busca se destacar nesse processo contínuo de formação docente, como ficou claro em seu relato.

Entretanto pudemos observar que ela não conseguiu colocar totalmente em “prática” essa formação que ela busca continuamente, durante algumas aulas de Arte, em que ficaram parecidas com a época da Educação Artística, principalmente uma de suas aulas em que ela abordou a colagem, na qual os alunos produziram trabalhos com essa temática, mas, durante praticamente toda a aula, ficaram dispersos, sem saber ao certo o que estavam fazendo.

Ao perguntar a professora se participa de programas de formação continuada, assim opinou:

Sim. Na escola temos a Sala do Educador, encontro de quatro horas semanais, durante o ano letivo, certificado pelo Cefapro³, que é o Centro de Formação de Professores do Estado e participei também em 2011 do Educere⁴ em Curitiba/PR promovido pela PUC e em 2012 do Cole⁵ em Campinas/SP promovido pela UNICAMP. (E10).

De acordo com a fala da professora, ela tem preocupação em se atualizar e a melhorar a sua formação pedagógica, participando de cursos oferecidos por Centros de formação docente como o CEFAPRO, que é bastante atuante no Estado de Mato Grosso, e também busca participar de eventos científicos, que também, são espaços para a formação contínua desse profissional da educação.

A pesquisa também deve estar presente na formação do educador, pois possibilita ao professor criar novas estratégias de ensino e solucionar problemas existentes na educação, visando contribuir para a produção de conhecimento e, conseqüentemente, para uma educação com melhor qualidade.

³ Centro de Formação e Atualização de Professores de Mato Grosso.

⁴ Congresso Nacional de Educação que ocorre a cada dois anos na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), em Curitiba/PR.

⁵ Congresso de Leitura.

Ou seja, é no espaço de formação docente que é possível encontrar novas possibilidades de refletir criticamente sobre a formação do professor mediador e a sua contribuição para a construção do conhecimento no aluno.

Perguntamos a ela como avalia os cursos que formam professores de Arte nos dias de hoje.

Olha... Penso que hoje depende mais da vontade do aluno do que da academia. Porque estive dos dois lados e quando há vontade, a gente corre atrás. As informações, a tecnologia estão aí, então, é só querer. (E10).

A professora deixa claro que os cursos que formam professores de Arte nos dias atuais estão fazendo seu papel, mesmo com dificuldades inerentes a qualquer curso de licenciatura. Ela acredita que depende muito mais da vontade do aluno, do seu esforço e competência do que do próprio curso de licenciatura que forma esse aluno.

No entanto, entendemos que houve certa “generalização” em sua fala, pois é possível encontrar cursos de baixa qualidade ou que não conseguem atender plenamente a formação do professor. Talvez, a culpa seja das próprias instituições que oferecem tais cursos, assim como esclarece Nóvoa (2012, p. 12):

Muitas vezes, as instituições de formação de professores ignoram ou conhecem mal a realidade das escolas. É necessário, por isso, assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino se tornam visíveis, do ponto de vista profissional e científico, adquirindo um estatuto idêntico a outros campos de trabalho acadêmico e criativo. E, ao mesmo tempo, é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseadas numa pesquisa que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar.

Em Mato Grosso há uma grande carência de professores de Arte, muito devido à falta de cursos de graduação que formam esses profissionais neste Estado. Por isso, é importante serem criados novos e mais cursos de graduação em Arte para o Estado, que possam abordar as diferentes linguagens – Artes Visuais, Teatro, Dança e Música – e atender a demanda por

esses profissionais na rede pública de ensino. O único curso de Arte oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso é Música. E é o único do Estado.

O conhecimento se mostra importante para o exercício da docência. E para o ensino de arte, não é diferente. Segundo Nóvoa (2012, p. 13) “[...] os professores devem combater a dispersão e valorizar o seu próprio conhecimento profissional docente, construído a partir de uma reflexão sobre a prática e de uma teorização da experiência.” Diante disso, foi perguntada a professora quais conhecimentos são fundamentais para a sua prática pedagógica com os alunos de Educação de Jovens e Adultos. Assim ela opinou:

Penso que não existe um conteúdo fundamental. Quem vai determinar esses conteúdos fundamentais é o professor em função de sua habilitação. Vou exemplificar: se eu for dar uma aula de apreciação musical é fundamental que eu conheça a linguagem musical, que eu saiba demonstrar ao aluno os diferentes compassos se é marcha, se é valsa, etc. Se for falar de dança, que eu saiba diferenciar os tipos de dança moderna, clássica, etc. Assim o Teatro, as Artes Visuais e por aí vai. (E10).

A professora se mostra atenta quanto à importância das linguagens artísticas nas aulas de Arte. Ressalta a preocupação do professor em saber lidar com a linguagem artística a qual está trabalhando com seus alunos. Reforça ainda que, segundo ela, o professor precisa ter conhecimento, neste caso, formação da linguagem a qual está lecionando.

Porém, o seu relato nos chamou bastante a atenção, pois como ela é formada em Educação Artística com habilitação em Música, praticamente todas as aulas ministradas por ela tiveram conteúdo das Artes Visuais. Mesmo se mostrando preocupada com os conteúdos e conhecimento produzido na sala de aula sobre a arte, em que o professor necessita ter conhecimento, formação na linguagem em que leciona aos alunos, ela não apresentou aos jovens e adultos conteúdos relacionados à música, fator que é uma contradição no que se refere a sua formação específica. Por isso, é importante e necessário,

[...] que o professor conheça diversos procedimentos em arte para poder ensiná-los aos alunos. Procedimentos de pintura,

desenho, gravura, utilização de softwares e modelagem são alguns exemplos de conteúdos procedimentais que devem ser dominados por professores de artes visuais. O aprendiz terá de enfrentar os percalços desses saberes para estruturá-los. Aprenderá fazer pipa fazendo-a; a sulcar uma matriz de gravura usando uma goiva; a variar a tensão do lápis sobre a superfície variando-a. (IAVELBERG, 2003, p. 28).

Sobre a avaliação em Arte, a professora relatou quais são os critérios utilizados por ela para avaliar os seus alunos de EJA:

Comparo o discurso inicial e o final. Se houve mudanças na sua concepção sobre a Arte comparando seu discurso inicial do trimestre com o discurso final. Observo se houve amadurecimento gradativo no período quanto as suas opiniões, se concorda ou não com determinadas posições, se participa das discussões, se tem curiosidades sobre o tema em questão, etc. Você pode me questionar se isto é o suficiente para avaliar um aluno. Nesta modalidade de ensino é, porque meu objetivo não é que memorize datas, nomes, que me defina cores primárias ou secundárias ou que me classifique obras de tais e tais movimentos. Vai além disso! Não que os elementos da gramática visual não sejam importantes, eles podem e devem ser inseridos no contexto, mas não é o fundamental. Primeiramente, quero que desenvolvam o hábito da percepção para que tenham subsídios para emitir um juízo. Por isso, que cada conteúdo apresentado é sempre questionado, dialogado na espera que o aluno se pronuncie ou não para que a aula se desenvolva. Acontece muitas vezes que o resultado eu venha obter de uma aprendizagem significativa após o aluno ter encerrado o trimestre e estar cursando outra área e, ao encontrá-lo no corredor, dão o testemunho que estiveram em tal lugar e lembraram da professora...que viram tal obra ou igreja e que souberam explicar, a quem estava junto o que significava tal obra. Fica evidente no sorriso desses alunos ao relatarem, a satisfação ao transmitir este conhecimento que obteve na escola, para outros. Sentem-se lisonjeados em falar de arte e eu orgulhosa, é claro. Percebe-se, então, que houve mudanças no olhar desse aluno. Tornou-se um apreciador. (E10).

A professora se preocupa com o ensino e a aprendizagem em arte de seus alunos, ao buscar incentivá-los, por meio de questionamentos e trabalhos artísticos, a desenvolverem a percepção visual, para que possam ter a capacidade de analisarem visualmente e emitirem juízo estético de uma obra de arte. Para tanto, de acordo com a sua fala, é possível identificar dois tipos

de avaliação realizadas pela professora: a avaliação diagnóstica, quando busca verificar os conhecimentos prévios de seus alunos por meio de questionamentos, assim como ocorreu quando a professora trabalhou em algumas aulas textos com seus alunos; e a avaliação formativa, na qual buscou observar tanto o envolvimento do jovem e do adulto na execução do fazer artístico quanto nas discussões realizadas durante as aulas de Arte.

Pudemos identificar durante a pesquisa que essas avaliações estavam em consonância com as práticas da professora, pois na maioria de suas aulas ela questionou os alunos por meio de textos escritos sobre temas da história da arte, mesmo sem ter lido alguns e, em determinados momentos, observou a participação dos jovens e adultos nas atividades propostas, sendo grande parte destas registradas visualmente por fotografias tiradas pela própria professora, para que pudesse lhe auxiliar nas futuras avaliações sobre os alunos.

Nessa reflexão, Lara (2012, p. 117) traz uma importante contribuição sobre a avaliação em Arte:

É necessário ainda cuidar para que a avaliação não seja uma interrupção do processo expressivo. O desafio é lançar um olhar sensível e observar os progressos, fazer intervenções para que os alunos possam refletir sobre possíveis soluções para seus projetos. Para tanto, além de dominar objetivos e conteúdos de ensino, propor estratégias coerentes com a gramática de cada linguagem artística, é necessário partir dos saberes e habilidades que os aprendizes já possuem, criando desafios adequados às necessidades de cada um e ou do grupo de alunos. Realizar a avaliação nessa perspectiva contribui fortemente para o desenvolvimento profissional, pois possibilita aos professores conhecer mais sobre as respostas dos alunos e aprimorar o seu ensino.

Ou seja, para essa autora, a avaliação deve estar integrada ao processo de ensino e aprendizagem do aluno, levando em consideração suas limitações, mas também, suas competências e capacidade de desenvolver novas habilidades.

Nesse sentido, foi perguntado a professora se teria alguma dificuldade em avaliar em Arte:

Não, nenhuma porque não avalio apenas pela produção artística e sim pelo contexto todo. (E10).

Segundo seu relato, a professora não avalia apenas o produto, mas sim seu processo (TINOCO, 2010). Ou seja, é levado em consideração o processo e o desenvolvimento criativo do aluno durante o desenvolvimento de seu trabalho, e não apenas os materiais ou os procedimentos técnicos que utilizou para a confecção da obra final. Nesse sentido,

A avaliação é um excelente recurso para o professor planejar suas atividades e refletir sobre sua prática. Ele pode avaliar antes, durante e depois de uma ou mais sequências de atividades ou projetos de trabalho a fim de ter mais elementos a guiar suas ações (IAVELBERG, 2003, p. 29).

Ainda sobre avaliação, a professora relatou quais instrumentos ela utiliza para avaliar:

Observação e com ela pequenas anotações que vou fazendo no decorrer do trimestre pensando no relatório final. E ao rever as anotações tenho o perfil em mente do aluno. Vou recordando das atuações do aluno se foi participativo ou não, reviso as produções. É claro que se percebo uma produção mal acabada não por ter habilidades artísticas, mas por certo desinteresse comparo com as anotações e constato mesmo que foi um aluno regular que não consegui motivá-lo para os temas abordados. Aí, eu me avalio. (E10).

A sua fala está em consonância com as suas aulas, quando pudemos perceber que suas avaliações eram praticamente baseadas na observação que fazia dos trabalhos dos alunos e das fotografias que tirava dos trabalhos realizados. Interessante notar que a professora se preocupou em fazer uma auto-avaliação, quando percebeu que algum aluno teve dificuldades de ensino e aprendizagem em suas aulas.

Foi solicitado à professora posicionamento sobre a avaliação da disciplina de Arte pela escola:

Olha, percebo que equipe pedagógica, coordenadores, demais professores e diretor, sabem da importância da disciplina para

a formação do aluno e o professor de Arte dá o tom dessa avaliação. Se for percebido que o professor faz um trabalho responsável, sabe se posicionar e que não “maqueia” a aula de Arte, eleva o conceito positivamente. Os alunos também em sua maioria tem um bom conceito sobre a Arte na Escola. Penso que a disciplina de Arte está gradativamente firmando seu espaço no contexto das políticas educacionais. Na matriz curricular dos CEJAs a carga horária semanal é a mesma para as demais disciplinas da área de linguagens: Língua Estrangeira, Língua Portuguesa, Educação Física. (E10).

Há uma contradição na fala da professora com o que aconteceu durante as aulas práticas de Arte. Primeiro, quando ela afirma que na escola a disciplina de Arte é respeitada. Percebemos que o discurso da professora não condiz com a realidade da disciplina de Arte na escola pesquisada, pois não havia espaços adequados para realizar as aulas práticas e não houve a exposição com os trabalhos de arte dos alunos da turma de EJA.

Geralmente, a disciplina de Arte não é tão bem avaliada ou bem vista pelas escolas brasileiras. Isto é um problema histórico para o ensino da arte. Há autores que reforçam a ideia de que essa disciplina é tida como saber subsidiário, ou como mera atividade escolar (IAVELBERG, 2003; BARBOSA, 2012). Contudo, na escola pesquisada, a professora relata que essa disciplina ocupa um lugar, se não de destaque, mas de respeito dentro da escola. Segundo ela, a disciplina de Arte está, mesmo que de forma lenta, conquistando mais espaço no contexto escolar, cuja carga horária é a mesma das demais disciplinas da área de linguagens, embora ainda tendo carga horária inferior a disciplinas tidas como “mais importantes” como português, matemática, etc., do currículo escolar.

Perguntamos por que escolheu ser professora, assim respondeu:

Penso que foi devido as circunstância da época. Cursei a Escola Normal, não que eu seja tão antiga assim, usei até uniforme característico das normalistas que era saia azul com pregas, sapato preto com meias brancas. Feito o estágio, comecei a tocar e foi o piano que me levou a Licenciatura em Educação Artística...e, assim, foi uma sucessão de fatos que me levaram a Educação Básica. Mas se não me sentisse bem na profissão não permaneceria nela. (E10).

Fica claro na fala da professora a sua paixão pela docência. Isto foi bastante constatado quando pude observar as suas aulas. A professora se mostrou sempre animada, motivada em sua prática. E isto, influenciou boa parte das pessoas que se encontravam a sua volta. Sempre buscou motivar os alunos de EJA, até mesmo aqueles alunos que se mostravam desinteressados pelas aulas.

Um aspecto a ser destacado é que a arte esteve presente na sua vida desde cedo, acompanhando a sua formação inicial para a docência, o que entendemos ser muito importante para as práticas desenvolvidas pelo professor em sala de aula. A vivência com a arte e a experiência por ela produzida foi levada para o convívio com os alunos de EJA.

Nesse pensamento Coutinho (2004, p. 152-153) faz uma importante observação:

Na qualidade de mediadores de conhecimentos selecionamos conteúdos, organizamos projetos de pesquisa, roteiros de visitas a espaços culturais, influímos a partir de nosso repertório na constituição de outros repertórios, os de nossos alunos. Ao entender o seu processo cultural o educador tem melhores condições de transpor essa experiência para as experiências de outros sujeitos!

Como boa parte de sua experiência docente em Arte está na Educação de Jovens e Adultos, questionamos a professora quais são suas principais motivações para trabalhar na EJA.

Olha, no início não foi uma escolha, foi por conveniência, pois era uma escola central de fácil acesso e não tinha muitas opções de escolha para assumir as aulas após o concurso. Gostei e mais tarde tive mais opções de troca, porém preferi me manter na EJA. Porque não me vejo como uma professora de Arte que chega e começa a escrever no quadro... Gosto de conversar como não quero nada e vou puxando o assunto e aí vai... Com os adultos há mais possibilidades de diálogos, maturidade, não há problema com indisciplina em sala de aula... Claro que não posso deixar solto, mesmo que sejam adultos são alunos e agem como alunos, mas é mais tranquilo, e tudo que é levado a eles é novo, pela defasagem de escolaridade da maioria. (E10).

É possível notar na fala da professora que ela busca ter um contato inicial com seus alunos por meio do diálogo, para que se possam conhecer melhor. Isto ficou bastante evidenciado, principalmente, nas primeiras aulas. Ressalta também a sua preferência em trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, pois entende que esses alunos são mais maduros e quase não oferecem problemas de indisciplina para a escola. Trazem ricas experiências de vida que podem contribuir para as discussões e os temas trabalhados durante as aulas de Arte.

Quando perguntada sobre quais as maiores dificuldades para se trabalhar na EJA, há uma interessante observação em sua fala sobre a frequência:

A frequência. Como os alunos tem muito compromisso com trabalho ou com os filhos, é o caso das mulheres, há muita incidência de faltas e a continuidade dos temas abordados ficam prejudicados. Por isso ao iniciar a aula tem que se fazer um breve histórico das aulas anteriores para dar continuidade para que a aula que se inicia não fique descontextualizada ou melhor que não fique desligada da aula anterior para que o aluno perceba que os conteúdos não são isolados. (E10).

Sendo característica da Educação de Jovens e Adultos, a frequência escolar se torna um problema comum nesta modalidade. Na escola pesquisada não foi diferente. Muitos alunos, no início das aulas, começaram a frequentar as aulas de Arte, mas com o decorrer do trimestre, alguns foram deixando de frequentar, enquanto outros, até então que não haviam comparecido nas primeiras aulas, começaram a frequentar. Nesse sentido, a professora destaca que a maior dificuldade para trabalhar na EJA é justamente essa frequência irregular do jovem e do adulto durante a escolarização.

É preciso buscar selecionar conteúdos que serão trabalhados com a EJA, levando-se em conta a realidade social em que está inserido o aluno e as experiências artísticas vivenciadas pelo professor, pois pode “motivar” o aluno a se interessar pelas aulas. Assim, cabe ao docente saber orientar e mediar às aprendizagens relacionando as antigas e novas concepções de artes com os alunos.

Para desenvolver bem suas aulas, o professor que está trabalhando com arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos mesmos (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 21).

Logo, entendemos que ter um aprofundamento teórico sobre a estética na arte, pode ajudar a compreender melhor os diferentes fatores socioculturais presentes nas artes, auxiliando no desenvolvimento de um pensamento educacional artístico.

O professor é importante mediador na motivação e interesse em aprender arte por parte do aluno. É preciso que o docente traga conteúdos de arte a partir do cotidiano dos alunos, o que pode despertar no discente o interesse nas aulas de Arte. Essa prática valoriza a cultura individual e coletiva, criando em cada aluno um sentimento de orgulho da própria cultura em que foi criado e aprender a respeitar e a conhecer a diversidade cultural de outros colegas e lugares diferentes.

Com relação aos trabalhos artísticos feitos pelo jovem e adulto é importante o professor considerar o discente como o autor da obra. É o professor que atribui qualidades durante as orientações promovidas aos alunos, valorizando e incentivando-os no fazer artístico e na construção do conhecimento em arte (IAVELBERG, 2003).

Essa “autoria” dos trabalhos feitos pelos alunos durante as aulas é importante para o próprio processo de ensino e aprendizagem em arte, pois o jovem e adulto se depara não apenas com um mero trabalho feito em sala de aula: ele mesmo é o autor, o “artista” em cena. Em muitos momentos, pudemos constatar a professora fotografando os trabalhos feitos pela turma de EJA, alegando que eles é que eram os “autores” dos trabalhos.

Durante orientações e discussões com os alunos, o professor que não valorizar os avanços alcançados por eles e as dificuldades vencidas pelos discentes ao aprender arte pode fazer nascer nesses sujeitos sentimentos de baixa autoestima por não terem conseguido corresponder às expectativas, o que ocorre muito nos jovens e adultos.

Geralmente muito jovens e adultos trazem consigo imagens ou experiências escolares anteriores, geralmente, de baixa estima, muitas vezes associados à exclusão ou fracasso escolar do próprio jovem ou adulto, durante a sua vida escolar. Por isso, é importante que a escola busque trabalhar a autoestima deste aluno, para que o mesmo se sinta seguro e capaz de aprender e produzir conhecimento, importantes e fundamentais para o seu processo de ensino e a aprendizagem.

Atuar na EJA é conviver com sujeitos que apresentam a autoestima espezinhada pelas práticas sociais excludentes. Significa verificar que tais sujeitos não se consideram capazes de contribuir – embora o façam – para a implementação da vida cultural e política do país. É confrontar-se com a busca e a esperança por dignidade a ser conquistada por meio da aquisição da leitura e da escrita. (CANDA, 2012, p. 15).

Entendemos que muito desses jovens e adultos, pelo fato de terem se inserido precocemente no mercado de trabalho ou, mesmo, ajudar os pais nas tarefas domésticas, impossibilitando-os de continuar na vida escolar por anos, têm desenvolvido algumas habilidades e competências durante a vida profissional, o que pode ajudá-los a terem melhor destreza e autoconfiança na realização de trabalhos artísticos, contribuindo para o conhecimento em arte e para o seu autoconhecimento. Sendo assim, este fazer construído na profissão ou no lar, contribui para o próprio fazer criativo, portanto, artístico.

Especialmente o professor de Arte precisa conhecer e buscar compreender os códigos visuais e estéticos presentes, de maneira a utilizá-los como seu referencial e ponto de partida, construindo a partir daí a abordagem metodológica e a estrutura de conteúdos a serem trabalhados. Para uma compreensão desses padrões é importante verificar como se compõe étnica e socialmente a comunidade escolar, o quanto ela é heterogênea, quais seus pontos de encontros e desencontros. (PILLAR, 2008, p. 92).

Pelo fato de trazerem uma bagagem de vida significativa, os alunos se tornam mais participativos se as aulas abordarem temas e conteúdos contextualizados, estabelecendo relações com a realidade do próprio jovem e adulto, centralizando a educação em suas histórias de vida, visando a atender as suas reais necessidades de aprendizagem.

CONCEPÇÕES DA PROFESSORA SOBRE A ARTE

Durante as aulas, a professora trabalhou bastante com seus alunos concepções sobre o universo da arte, por meio de textos escritos e visuais. Mas, e para a professora? Quais as suas concepções sobre a arte? Ao ser perguntada sobre o que é arte, a professora respondeu:

Deixando de lado aquelas expressões românticas de que Arte é expressão, sentimento etc., não que as criações artísticas não possuam estas características, porém penso que o conceito de Arte vai, além disso. Arte é uma produção humana constituída de elementos estéticos que envolvem sim a expressão, conhecimento e técnica nas suas diferentes formas de expressão. (E10).

Fica claro na fala da professora sobre sua concepção de arte, pois ela compreende não apenas arte como expressão de sentimentos, mas como criação essencialmente humana e objeto de conhecimento. A sua vivência e experiência estética desenvolvida desde cedo foi fundamental para ela construir essa concepção.

Desse modo, é possível afirmar que arte é uma forma de conhecimento humano e expressão.

Também foi perguntado a ela qual a importância da arte para a Educação de Jovens e Adultos.

Ela representa por meio de suas produções artísticas a identidade do seu povo... já pra a EJA ela contribui para ampliar a leitura do mundo por meio E suas criações, seja ela música, teatro, dança, esculturas, etc. (E10).

A leitura é ressaltada pela professora ao dizer que a arte é importante para os alunos jovens e adultos devido ao fato de possibilitar a eles uma ampliação do seu universo de leitura do mundo, tendo na arte, importante mediadora para esse processo. Por meio de diferentes linguagens artísticas os alunos da Educação de Jovens e Adultos podem se expressar e criar objetos significativos e textos visuais que representem a realidade a qual estão

inseridos, ampliando essa leitura de mundo. Consequentemente, as obras de arte podem possibilitar diferentes interpretações da realidade.

Nesse sentido, por meio de trabalhos artísticos e com diferentes temas abordados com alunos de EJA, a arte pode levá-los a reviver experiências de vida como algo significativo e enriquecedor, ao possibilitar verbalizarem por meio das expressões visuais fragmentos de suas experiências – bagagem de vida – adquiridos ao longo de suas vidas, bem como suas emoções, seus sentimentos e sentidos que fazem parte de suas existências.

Ao ser perguntada sobre o que gosta de ler, a professora assim descreveu:

Gosto. Desenvolvi o hábito da leitura durante o mestrado, não que eu não gostasse de ler anteriormente, mas se tornou um hábito frequente e mais duradouro. Atualmente, estou me dedicando a leituras que tem a Arte e a Psicologia como temas. (E10).

Na fala da professora, é possível identificar que a presença da leitura em sua vida se mostrou mais frequente quando cursou o mestrado, pois até anteriormente, não tinha o hábito de ler com tanta frequência. Talvez este possa ter sido o motivo dela não ter explorado todos os textos escritos entregues a turma de EJA durante as aulas. Em contrapartida, nos parece que pelo fato da professora ter desenvolvido o hábito de leitura durante o mestrado, pode ter contribuído para que ela tenha trabalhado com textos escritos nas aulas de Arte e, consequentemente, ter suscitado, mesmo que mínima, a prática de leitura nos jovens e adultos.

Dessa forma, a importância da leitura para a sua formação enquanto professora é pontuada na sua fala. É importante o professor ter o hábito da leitura, até porque precisa estimular esse mesmo hábito nos jovens e adultos, que estão em processo de escolarização. Nas artes é importante ressaltar que ler é atribuir significado ao texto visual, no caso, na imagem artística, da mesma forma que ocorre ao texto escrito.

Ao perguntar sobre qual linguagem artística ela mais trabalha nas aulas de Arte, a professora respondeu:

Gostaria de ter tempo para trabalhar com todas as linguagens artísticas. Me sinto capaz de abordar todas, porém, as Artes Visuais é a predominante, mesmo eu tendo habilitação em Música. No último trimestre de 2013, devido os feriados, deixei de trabalhar conteúdos importantíssimos de música, que estavam ligados ao complexo temático do trimestre: Villa Lobos e sua produção musical e ritmo, percussão. (E10).

A professora se mostra preocupada em trabalhar com todas as linguagens artísticas com seus alunos, mesmo não ter tido muito tempo para isso, pois os alunos tinham uma aula de Arte por semana. É importante ressaltar que os alunos foram prejudicados com feriados e recessos escolares, os quais acabaram não tendo contato com outras linguagens. No entanto, é evidente na fala da professora que a linguagem mais utilizada nas aulas de Arte são as Artes Visuais.

Dentre as linguagens artísticas, as Artes Visuais na EJA assumem papel importante ao procurar ampliar nos alunos o saber, o fazer e o refletir em arte, principalmente por meio das diversas formas de produção visual presentes em nosso meio e, outras que podem ser criadas, no qual a leitura de imagens se torna cada vez mais necessária, se tornando fundamental para que o aluno de EJA amplie o seu conhecimento em arte e, conseqüentemente, a sua percepção do mundo, pois, “[...] ensinar artes é ensinar linguagens diferentes.” (SELBACH, 2010, p. 32).

Teoria e prática articulam-se na aprendizagem da arte, o que se aprende no âmbito teórico afeta o que se faz na prática criativa e vice-versa. Conhecer a produção dos artistas na história situa o aluno no universo da arte. A seleção de conteúdos, as obras selecionadas e o planejamento das sequências didáticas são regulados pelos conhecimentos anteriores dos estudantes e suas possibilidades de aprendizagens. (IAVELBERG, 2012, p. 6).

Compreendemos que este conhecimento histórico do artista, da técnica utilizada para a criação da obra, associada ao fazer artístico, pode contribuir relevantemente para a compreensão da vida e da obra do autor do trabalho, da técnica utilizada para produzir e os devidos procedimentos e o contexto ou época em que foi criada, podendo auxiliar o aluno na criação de formas visuais

e formulação de ideias com mais confiança quando for produzir seus trabalhos de arte.

A professora se mostrou atenta com o ensino e aprendizagem da turma de EJA. Buscou motivá-los a desenvolverem seu conhecimento em arte, não apenas dentro da sala de aula, mas fora dela também quando os levou para exercerem o fazer artístico durante boa parte da disciplina. Ressaltou a questão da apreciação, que possam desenvolver o senso estético para que consigam compreender as diferentes manifestações artísticas em sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de suas falas, é possível afirmar que para a professora arte não é apenas expressão de sentimentos: é conhecimento, é expressão, é criação humana. Durante as suas aulas, verificamos que ela buscou aplicar esses conceitos aos alunos jovens e adultos por meio de textos escritos, mesmo alguns sendo superficiais em conteúdo e não sendo totalmente explorados em sala de aula com a turma, mas também por meio de trabalhos de arte, como pinturas, desenhos, esculturas entre outros, nas quais os alunos da EJA trabalhos interessantes e bastante significativos, como desenhos sobre a arte rupestre e escultura de São Benedito, santo tradicional de Cuiabá, Mato Grosso.

A avaliação da professora E10 era por meio da participação dos alunos nas atividades e de fotos. Identificamos que a sua avaliação era diagnóstica e formativa no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. No planejamento da professora, foi possível constatar que os conteúdos ministrados durante as aulas de Arte estão em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola. Porém, não conseguiu lecionar todo o conteúdo durante o trimestre letivo, como por exemplo, a música, que é a área de sua formação, o que penso ser devido a carga horária reduzida da disciplina na escola e o excessivo número de feriados e recessos ocorridos durante o trimestre letivo.

A professora E10 evitava ao máximo ter que reter aluno de EJA. Só retia mesmo quando não tinha realmente jeito, se o aluno faltasse muito ou não

fazia nada em suas aulas. Nesse sentido, ela se mostrou preocupada com a permanência do aluno de EJA no espaço escolar, e entendia que era importante a frequência para o processo de formação escolar que o aluno estava passando.

Um bom trabalho pedagógico no ensino de arte necessita de um bom professor de Arte. Boas práticas requerem bons professores, que estimule no aluno o desenvolvimento estético, seu lado criativo e expressivo, enfim que propicie pensar. É preciso evitar aulas de Arte como “atividades” da época da Educação Artística, em que arte era designada como mero “exercício escolar”, sem ao menos, explorar a construção do conhecimento em arte do aluno. Mas, para isto, é preciso que o docente seja importante mediador no processo de construção de conhecimento no aluno, e que possa buscar utilizar metodologias adequadas que realmente consigam contemplar o processo de ensino e aprendizagem desse estudante.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez. Porto: Porto Ed., 1994.
- BRASIL. Lei n. 5.692 de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>.
- _____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>.
- _____. MEC. **Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento – artes**. Brasília, DF: SECAD, 2002. v. 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegumento/vol3_arte.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

CANDA, Cilene Nascimento. Conscientização e ludicidade na Educação de Jovens e Adultos: revendo caminhos teórico-metodológicos. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 10-24, jan./jun. 2012.

COUTINHO, Rejane Galvão. Considerações sobre a cultura da pesquisa e a formação de educadores mediadores. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES VISUAIS, 19., 2010, Cachoeira. **Anais...** Salvador: Edufba, 2010. 1 CD ROM. p. 2417-2427.

_____. Como se formam professores de arte? **Jornal Unesp**, São Paulo, ano 20, n. 211, maio 2006. Opinião. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/211/opiniaio.php>>. Acesso em: 3 set. 2013.

_____. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. **Educação com arte ideias**, São Paulo, v. 31, p. 143-158, 2004.

FERRAZ, Maria H. C. T.; FUSARI, Maria F. R. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

IABELBERG, Rosa. Ensino de artes deve articular teoria e prática. **Jornal do Professor**, [Brasília, DF], ed. 66, jan. 2012. Disponível em:

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=77&idCategoria=8>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

_____. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre; Artmed, 2003.

LARA, Rosângela de Souza Bittencourt. **Avaliação do ensino e aprendizagem em arte: o lugar do aluno como sujeito da avaliação**. São Paulo: Ed. SESI, 2012.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 13. ed. São Paulo: EPU, 2011.

MATO GROSSO. Resolução Normativa CEE/MT n. 005/2011. Fixa as normas para a oferta da educação básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no Estado de Mato Grosso. **Diário Oficial**, Cuiabá, n. 25.711, 28 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/conteudo.php?sid=468>> Acesso em: 24 jun. 2013.

MEC. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n. 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000a. Seção 1. p. 18.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB n. 11, de 10 de maio de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jun. 2000b. Seção 1.

NÓVOA, António. Pensar alunos, professores, escolas, políticas. **Educação, Cultura e Sociedade**, Sinop, v. 2, n. 2, p. 7-17, jul./dez. 2012.

_____. Os professores e o novo espaço público da educação. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. (Org.). **O ofício do professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SELBACH, Simone. **Arte e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010. (Como bem ensinar).

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília, DF: Líber Livro, 2004.

TINOCO, Eliane de Fátima Vieira. **Avaliação em artes: saberes e práticas educativas de professores no ensino fundamental**. 2010. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

Artigo recebido em: 13/03/2014.

Aprovado em: 31/08/2014.